ISSN 2175-1838
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

Artigo científico

https://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2632747

REVISTA Pistis & Praxis TEOLOGIA E PASTORAL

pistispraxis/index

PUCPRESS

A presença da espiritualidade teresiana na Venerável Ordem Terceira do Carmo da Vila de Itu (século XVIII)

The Presence of Teresian Spirituality in the Venerable Third Order of Carmel in the Village of Itu (18th century)

Ana Rosa Cloclet da Silva [a]
Campinas, SP, Brasil
[a] Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas

Letícia Medeiros [b]
Campinas, SP, Brasil
[b] Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas

Como citar: SILVA, Ana Rosa Cloclet da; MEDEIROS, Letícia. A presença da espiritualidade teresiana na Venerável Ordem Terceira do Carmo da Vila de Itu (século XVIII). *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2632747, 2026. DOI: http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2632747

Resumo

No estudo da América Portuguesa, constata-se a influência do catolicismo desde o início da formação da sociedade colonial, adentrando o período de construção da nação e da nacionalidade como um dos mais

[a] Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutora em História pela Universidade de São Paulo, e-mail: anacloclet@gmail.com

[b] Mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e-mail: leticia.morais.medeiros@gmail.com

poderosos referentes identitários e elemento de coesão social do Brasil. Para tanto, além da ação institucional da Igreja Católica e das ordens regulares – com especial destaque para a Companhia de Jesus –, foi fundamental o papel desempenhado pelas instituições leigas, como as Irmandades, as Confrarias e as Ordens Terceiras. Neste sentido, o presente artigo visa a compreender as influências da devoção teresiana na vivência laical da Venerável Ordem Terceira do Carmo, na Vila de Itu, no século XVIII, período que corresponde ao de inserção do carisma carmelita nesta região da América portuguesa. A análise das manifestações e reconfigurações da espiritualidade teresiana é guiada pelo enfoque da História das Religiões, em diálogo com a História Cultural e a Teologia, a fim de estabelecer a relação entre elementos devocionais, estéticos e textuais com o contexto histórico-cultural no qual são apropriados. Para tanto, baseia-se em fontes primárias de natureza escrita e iconográfica, analisadas à luz do método indiciário da Micro-história italiana e do método iconológico de Erwin Panofsky. Desse modo, pretende iluminar facetas inéditas das apropriações históricas da espiritualidade teresiana no Brasil, contribuindo com os estudos sobre religiosidade leiga, mística e espiritualidade, no âmbito das Ciências da Religião e Teologia.

Palavras-chave: Ordem Terceira do Carmo. História das Religiões. Devoção teresiana. Espiritualidade. Religiosidade leiga.

Abstract

In the study of Portuguese America, one observes the influence of Catholicism from the very beginning of colonial society, extending into the period of nation-building as one of Brazil's most powerful identity markers and a key element of social cohesion. In addition to the institutional action of the Catholic Church and the regular orders—most notably the Society of Jesus—the role played by lay institutions such as Brotherhoods, Confraternities, and Third Orders was fundamental. In this sense, the present article seeks to understand the influence of Teresian devotion on the lay religious experience of the Venerable Third Order of Carmel in the town of Itu during the eighteenth century, a period corresponding to the introduction of Carmelite charism in this region of Portuguese America. The analysis of the manifestations and reconfigurations of Teresian spirituality is guided by the perspective of the History of Religions, in dialogue with Cultural History and Theology, in order to establish the relationship between devotional, aesthetic, and textual elements and the historical-cultural context in which they were appropriated. To this end, the study draws on primary written and iconographic sources, analyzed through the evidential paradigm of Italian Microhistory and Erwin Panofsky's iconological method. In doing so, it aims to shed light on previously unexplored facets of the historical appropriations of Teresian spirituality in Brazil, contributing to studies on lay religiosity, mysticism, and spirituality within the fields of Religious Studies and Theology.

Keywords: *Third Order of Mount Carmel. History of Religions. Teresian devotion. Spirituality. Lay religiosity.*

Introdução

Na Península Ibérica, durante o período da Contrarreforma levada a cabo pela Igreja católica em resposta à Reforma protestante, Teresa de Jesus foi considerada uma das mais importantes religiosas da Ordem do Carmo do século XVI. Com o advento da Reforma na Ordem do Carmo, a influência de Teresa de Jesus se espalhou rapidamente entre religiosos e leigos, tanto na Espanha quanto em outras partes do mundo católico, pois a ênfase na busca pela santidade era uma característica da época (Orazem, 2009, p. 43).

No dia 4 de outubro de 1582, em Alba de Tormes, Espanha, morreu Teresa de Jesus. O sepultamento aconteceu no dia seguinte, 15 de outubro, data em que o Calendário Gregoriano foi implementado oficialmente, tornando esta data um marco do culto devocional à sua reconhecida santidade, contribuindo para o rápido processo de sua beatificação, em 1614, e canonização, em 1622.

De acordo com Borges (2005, p. 3), Santa Teresa d'Ávila se destacava nas devoções populares carmelitanas porque "o caminho por ela trilhado e os registros das suas experiências impuseram-se como um modelo a imitar". Por isso, mesmo após a separação dos dois ramos carmelitas, a Antiga Observância permaneceu recebendo influência da mística teresiana (Honor, 2013, p. 39-40), sendo possível identificar diversas práticas devocionais aos santos reformadores da Ordem, quais sejam: Teresa d'Ávila e João da Cruz.

Neste artigo, almeja-se estudar a fundação da Venerável Ordem Terceira do Carmo na Vila de Itu, no século XVIII, contexto para o qual preservam-se sugestivos indícios do cultivo devocional à Santa Teresa de Jesus. De acordo com Dillmann (2012, p. 107-108): "As práticas populares atravessaram séculos. O modo de conceber e experimentar práticas religiosas diferenciadas em relação ao proposto pela hierarquia eclesiástica, e mesmo pelo Estado, é o que define o 'popular', para ser fiel à representação criada pela própria Igreja". Transplantados para o continente americano, a história e os escritos de Teresa d'Ávila tornaram-se, rapidamente, objetos de devoção popular.

Assim, este artigo visa compreender a propagação da devoção à Santa Teresa d'Ávila através da vivência da espiritualidade teresiana, bem como identificar evidências de suas reconfigurações ao ser transplantada para este quadrante da América Portuguesa. A partir do diálogo entre a História das Religiões e a História Cultural, argumenta-se que a mobilidade transcontinental e transepocal dos princípios carmelitas e das práticas devocionais à Teresa d'Ávila nos permitem situar o objeto estudado em suas múltiplas escalas de observação e análise[1], que vão do local ao global e que são reveladoras de processos mais amplos de hibridização cultural, convergências, assim como de tensões e conflitos que marcaram a implementação da religiosidade leiga no mundo ibero-americano.

Teresa de Jesus e a Espanha quinhentista

No esforço de situar as balizas espaciais e temporais que nos permitem contextualizar o objeto abordado, é possível afirmar que Teresa de Jesus foi uma filha da Espanha quinhentista. Circundada por transformações e efervescências, a sociedade espanhola do século XVI vivenciou conflitos das mais variadas naturezas e dimensões, nas quais Teresa de Jesus viveu, cresceu, sentiu e reagiu. (Brito, 2014, p. 14)

Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, cujo nome religioso era Teresa de Jesus, nasceu em 28 de março de 1515, na cidade de Ávila. Filha de Alonso Sánchez de Cepeda e Beatriz de Ahumada y Cueva, foi educada em um lar católico piedoso e vivenciou as grandes transformações da sociedade europeia do século XVI. Aquela criança que, juntamente ao irmão Rodrigo de Cepeda y Ahumada (1511-1557), tinha como brincadeira favorita a fundação de Mosteiros, certo dia, fugiu de casa para morrer como mártir nas mãos dos mouros, mas foi resgatada por seu tio às portas da cidade (Prates, 2016, p. 52). Aos vinte anos de idade,

[1] Trata-se do procedimento que Jacques Rével designa como "princípio de variação de escalas", profícuo nas abordagens da Micro-história por permitir a construção de objetos complexos (Rével, 1998).

inspirada pelo mesmo ardor de entrega total a Deus, repetiu a fuga de outrora para ingressar na vida consagrada no Mosteiro da Encarnação de Ávila (Lima, 2018, p. 42), onde viveu dos 20 aos 47 anos.

Contudo, após enfrentar uma rara enfermidade e muitas contrariedades, Teresa de Jesus, com a autorização necessária da Igreja, fundou o primeiro Carmelo Descalço inspirado na Regra Primitiva da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo: aquela que, desde São Simão Stock (1165-1265), era venerada no título de *Flos Carmeli*.[2] Em seus escritos, Teresa de Jesus apresentava, recorrentemente, algumas dificuldades que enfrentava na vida monástica, sobretudo pela ausência de uma vivência mais austera no seguimento do carisma carmelita. Esse anseio pela austeridade refletia, na verdade, uma necessidade espiritual de perfeição que se iniciou na infância, através da meditação acerca da vida eterna (Leite; Moraes, 2021, p. 66).

Portanto, ao contemplar realidades duras e complexas na vida monástica, Teresa de Jesus percorrerá um caminho de altos e baixos, na tentativa constante de progredir na vida espiritual e alcançar a perfeição cristã. Para tanto, a Reforma na Ordem do Carmo se desdobrará como consequência desse processo de tomada de consciência do seu dever enquanto monja carmelita, fruto de suas orações e do estudo da trajetória dos membros da Ordem e seus feitos na história.

Este processo esteve imerso na cultura propagada durante o período da Contrarreforma (1545-1648) que, segundo Daniel-Rops (1999, p. 7) define mais corretamente um "renascimento católico" mais amplo em nível eclesiástico e espiritual, fazendo-se presente já no século XIII, época da fundação da Ordem Franciscana (Franciscanos) e da Ordem dos Pregadores (Dominicanos). Este movimento foi marcado pelo retorno ao *metanoeité*, ao "convertei-vos" do Evangelho de Jesus Cristo, de acordo com a formação de consciência dos fiéis. Essa mudança de perspectiva, inclusive entre os religiosos de vida monástica, formará cristãos com uma espiritualidade centrada na ciência de Deus e na caridade (Daniel-Rops, 1999, p. 10).

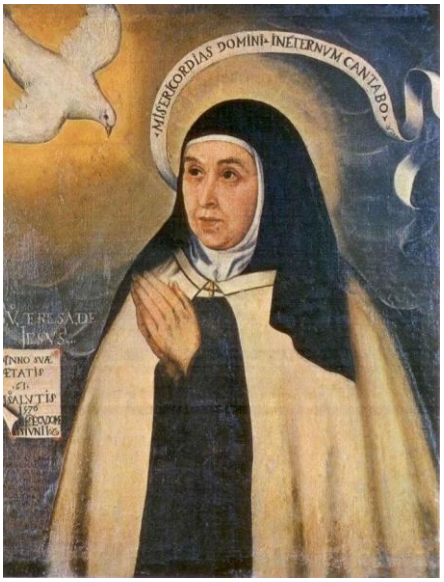
Durante o pontificado de Pio V (1566-1572), quatro publicações se tornaram fundamentais para a formação dos fiéis católicos segundo o espírito do Concílio de Trento: o Catecismo, o Breviário, o Missal e a *Summa* de Santo Tomás de Aquino (Daniel-Rops, 1999, p. 117). É neste contexto de intenso revisionismo das fontes teológicas que emerge a espiritualidade teresiana, como resposta profunda e reflexiva às transformações que permeavam a Espanha quinhentista. Teresa d'Ávila – como se daria a conhecer – não apenas buscou a renovação da vida religiosa carmelita, mas também propôs uma espiritualidade que integrava a experiência pessoal com a busca pela santidade. Seu legado espiritual, fundamentado na oração, na introspecção e na vivência comunitária, revela um caminho de autoconhecimento e intimidade com Deus, oferecendo, assim, uma alternativa robusta às crises e incertezas do período.

Para analisar o processo de inserção da devoção a Teresa de Jesus na América Portuguesa, particularmente na Ordem Terceira do Carmo de Itu, faz-se ainda necessário compreender que, no período da Contrarreforma, a Península Ibérica estava permeada pela cultura visual católica. Por isso, o uso de imagens, ícones e gravuras já fazia parte do cotidiano de Teresa de Jesus, que era considerada uma "conhecedora da arte conventual do seu tempo". (Gutiérrez, 2006, p. 10) Após sua morte, teve início a elaboração e propagação de gravuras devocionais que narravam sua vivência cotidiana a partir dos seus escritos. Também era comum o uso de efígie para a elaboração de gravuras devocionais e, no caso da Madre de Ávila, Frei Juan da Miséria (1526-1616) foi o responsável pela única pintura da monja em vida. (Orazem, 2009, p. 52). Na efígie de Teresa de Jesus (ver figura 1), identifica-se a religiosa no centro da imagem virada à esquerda, olhando para cima e contemplando a pomba do Espírito Santo que surge dos céus. Nos seus escritos, ela identificava o símbolo da pomba para narrar a ação do Espírito Santo em sua vida. Acima da

[2] *Flos Carmeli* (latim), significa "Flor do Carmelo". Foi um título utilizado para fazer referência à Padroeira da Ordem do Carmo, Nossa Senhora do Monte Carmelo (popularmente conhecida como Nossa Senhora do Carmo). Com a morte de Teresa, tornou-se comum o termo *flos* para referir-se às santas carmelitas, pois elas se destacavam na fidelidade à Regra Primitiva da Mãe do Carmelo (Jedin, 1972, p. 760).

sua cabeça, há o trecho em latim do Salmo 88, 2: "*Misericordias Domini, ineternum cantabo*" (no português, "Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor").

Figura 1 – Efígie da Madre Teresa de Jesus de Frei Juan de La Miseria, aproximadamente de 1576, Convento das Madres Carmelitas de Sevilla



Fonte: Museo Carmelitano (Carmus) e Madres Carmelitas Descalzas Alba de Tormes (1576)

Postumamente, a efígie da Madre Teresa de Jesus passou a ser reproduzida, sobretudo por gravadores flamengos do século XVII (ver figura 2). Segundo Orazem (2009, p. 52): "Na época, a região de Flandres ou dos Países Baixos foi a maior produtora de gravuras da Europa, onde se localizavam os melhores e mais requisitados artistas gravadores e foram realizadas as maiores encomendas".

Figura 2 – Gravura reproduzindo a efígie de Teresa de Jesus de Hieronymus Wierix, Bruxelas (século XVII)

Fonte: Museu Britânico

No esteio desse raciocínio, compreende-se que a efígie da Madre Teresa de Jesus foi utilizada como referencial para a elaboração de gravuras devocionais, sendo este considerado um material acessível à época e propagador do seu modelo de santidade em diversos núcleos sociais, como nobres, religiosos, políticos e a população em geral (Orazem, 2009, p. 54).

Como veremos, essa cultura visual perpetuou-se no Ultramar, onde a imagem de Teresa d'Ávila circulou como um dos ícones da devoção teresiana propagada na Vila de Itu, no século XVIII.

A presença carmelita na Vila de Itu (século XVIII)

Na América Portuguesa, os primeiros conventos carmelitas se instalaram no século XVI. Em 1579, período em que o Cardeal Henrique (1512-1580) era rei de Portugal, Frutuoso Barbosa – conhecido por sua riqueza em Pernambuco – recebeu a autorização para colonizar a Paraíba. O frei carmelita João Cajado, primeiro definidor do Capítulo, "concedeu que quatro de seus confrades fossem missionar ali. Eram eles: Fr. Alberto de Santa Maria, Fr. Bernardo Pimentel, Fr. Antônio Pinheiro e Fr. Domingos Freire. No final de janeiro de 1580 os frades partiram, tendo como superior nomeado Fr. Domingos". (Vieira, 2016, p. 30)

Inicialmente, esses conventos carmelitas pertenciam à Província Carmelitana de Portugal, mas, devido ao crescimento da Ordem em território colonial, em 1685 o vicariato do Brasil foi dividido em dois: Rio de Janeiro e Bahia. O vicariato do Rio de Janeiro abarcava os conventos do Rio de Janeiro, Angra dos Reis, São Paulo, Santos, Mogi das Cruzes e Vitória, na capitania do Espírito Santo; já o vicariato da Bahia e Pernambuco incluía os conventos de Olinda, São Cristóvão, na Capitania de Sergipe del Rey, Paraíba, Recife, Goiana, Salvador e Rio Real. Em 1715, os vicariatos do Rio de Janeiro e da Bahia contavam, respectivamente, com 163 e 218 religiosos (Vieira, 2016, p. 30).

Em 1720, o Papa Clemente XI erigiu a Província Fluminense no Rio de Janeiro, responsável pela administração dos conventos localizados no Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Angra dos Reis, Vitória do Espírito Santo e Itu (Campos, 2011, p. 58). Nos conventos, "mesmo localizados em cidades diferentes com contextos específicos, havia um modus operandi comum e que era orientado e formatado pela política da sede provincial e pelos principais conventos: do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Santos." (Molina, 2002, p. 112).

As pesquisas sobre a formação das Ordens Terceiras no Brasil, durante o período colonial, sobretudo nos territórios que, atualmente, constituem em parte os Estados de Minas Gerais e Bahia, assumem relevo nos trabalhos acadêmicos das últimas décadas. Os estudos sobre os carmelitas na América Portuguesa, em seu aspecto histórico, artístico e devocional, gradativamente têm despertado interesse dos estudiosos das religiosidades e devoções. Podemos citar alguns trabalhos desenvolvidos na área, tais como: André Cabral Honor (2013), Célia Borges (2011), Daniela Gomes (2009), Nívea Maria Mendonça (2020), Roberta Bacellar Orazem (2009), entre outros. Cada qual, de acordo com sua perspectiva e analisando fontes e bibliografias variadas, enriqueceram o debate acadêmico sobre a presença dos carmelitas em território luso-brasileiro. Uma inserção neste debate permite identificar a existência de uma certa coesão entre as pesquisas ao apresentarem que as primeiras Ordens Terceiras do Carmo (constituídas pelos leigos) chegaram à América portuguesa associadas às Ordens Primeiras (constituídas pelos freis) e, em diferentes localidades, essas instituições religiosas leigas eram sustentáculos da sociedade, proporcionando a disseminação de outras formas de participação laical no catolicismo – por exemplo, as irmandades e confrarias (Gomes, 2009. p. 4) – e cumprindo um papel essencial na modelagem das religiosidades populares.

O ramo do Carmelo Reformado (Descalço), desde a sua primeira Constituição de Alcalá (1581), previa a existência de apenas dois ramos: o feminino e o masculino. O ramo dos carmelitas terceiros nunca foi idealizado por Teresa de Jesus; desta maneira, os leigos carmelitas pertenciam majoritariamente às Ordens Terceiras vinculadas à Antiga Observância. (Rodriguez, 1980)

Um dos elementos distintivos das Ordens Terceiras é o seu caráter devocional. A este respeito, Gomes (2009, p. 3), ao analisar o caso das Ordens Terceiras do Carmo e da Penitência de São Francisco de Assis em Minas Gerais, esclarece que: "A devoção aparecia como ponto estruturador do grupo. Como

salienta Anderson Machado de Oliveira, essa devoção desdobrava-se em múltiplos episódios que iam da celebração de festas até o culto aos santos."[3]

É neste contexto que se localiza o recorte espacial desta pesquisa. A história da cidade de Itu, segundo o memorialista Francisco Nardy Filho (2000, p. 34-35), remonta à presença dos indígenas que habitavam em aldeamentos nessa localidade. Segundo ele, as bandeiras atravessaram os campos da região para alcançarem o porto, e no decorrer do caminho paravam para descanso. Foi nesse contexto que, em 1610, o bandeirante Domingos Fernandes (1577-1652) e seu genro Cristóvão Diniz, após receberem por sesmaria um lote de terras nos Campos de Pirapitingui, vão ao local chamado Utu-Guaçu e ali fundam uma capela dedicada à Nossa Senhora da Candelária.

Essa povoação, fundada em 1610, foi elevada a freguesia em 1653 e, quatro anos depois, foi elevada a Vila de Itu (sendo considerada a sétima vila criada na capitania de São Paulo durante o período em que essa capitania estava associada à do Rio de Janeiro). Foi em 28 de setembro de 1722 que Rodrigo Cesar de Menezes, governador da Capitania de São Paulo, solicitou ao rei a criação do cargo de Juiz de Fora na Vila de Itu, estando a jurisdição subordinada à de Sorocaba (Nardy Filho, 2000, p. 55).

De acordo com o documento intitulado *Relação das confrarias e irmandades*, datado de 31 de janeiro de 1873 e assinado por João Paulo Xavier, a Ordem Terceira do Carmo se fez presente na vila de Itu desde o século XVII (Xavier, 1873). Por sua vez, no Processo de tombamento da Igreja do Carmo de Itu, n° 22058, datado de 1982, afirma-se que entre 1710 e 1716 a Ordem Terceira do Carmo de Itu construiu a primeira capela da Ordem na Vila ituana (São Paulo, 1982, p. 11). A pesquisa das fontes disponíveis nos permite afirmar que a data mais exata da presença dos carmelitas na Vila de Itu seja o ano 1716, conforme o "*Relatório apresentado ao Exmo. e Rvmo. Arcebispo Metropolitano, D. Duarte Rodolfo e Silva, por ocasião de sua visita pastoral a esta parochia de Ytu em 1910*".[4]

Na *Representação dos irmãos Carmelitas de Ytu* no mesmo sentido, datada de 22 de maio de 1720 e escrita pelo secretário da Ordem Terceira de Itu, Pe. Simão Álvarez Rodriguez, identifica-se o protagonismo dos leigos na vivência da espiritualidade carmelita em Itu. Nesse documento, os terciários pediram ao rei, D. João V, a criação do Hospício da Ordem para abrigar religiosos carmelitas na Vila, pois era desproporcional a quantidade de terciários a serem assistidos por somente dois freis (Rodriguez, 22 mai. 1720).

A partir do cruzamento das fontes, constata-se que, em meados de 1760, o convento carmelita já havia se consolidado em Itu. Na descrição do memorialista Nardy Filho (2000, [1928], p. 114): "Em 1764 residiam nesse Convento 12 religiosos e o seu crédito anual era de 562$620 anuais, quantia essa que nesse tempo representava soma bastante considerável"[5]. Segundo Gomes (2009, p. 3), pode-se compreender a íntima relação entre a Ordem Primeira (constituída pelos religiosos) e a Ordem Terceira (constituída por leigos), porque as Ordens Terceiras se definiam como ordens subordinadas às ordens tradicionais – destacando-se os franciscanos e carmelitas –, e diferenciavam-se das confrarias e irmandades pelo vínculo à Ordem Primeira e cultivo devocional aos santos daquele carisma.

Identifica-se que no Brasil, durante o período colonial, a propagação das Ordens Terceiras teve influência de Portugal, cuja tendência era promover a unidade territorial entre os conventos religiosos e as sedes dos terciários. Pode-se identificar essa disposição na Ordem Terceira do Carmo na vila de Itu, cujos leigos foram responsáveis pela construção da primeira capela carmelita na região (ver figura 3), antes da chegada dos primeiros quatro sacerdotes carmelitas (1732) e da construção do convento na década de 1760 (Gomes, 2009, p. 3).

[3] O trecho citado pelo autor é extraído da dissertação de mestrado de Oliveira, 1995.

[4] O documento foi encontrado no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo: Pasta ITU-SP (IV), INT-03-03-07. 1910.

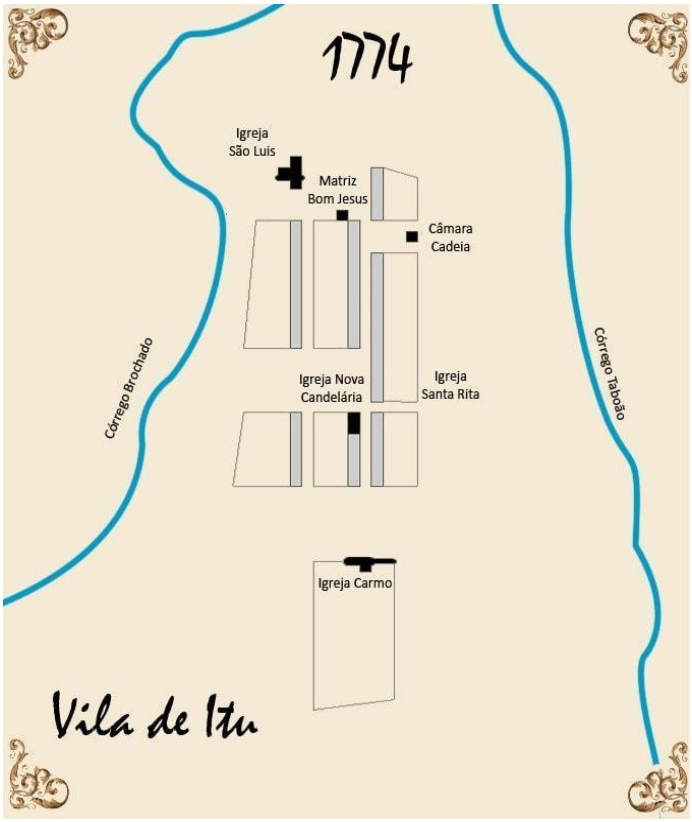
[5] Quinhentos e sessenta e dois mil, seiscentos e vinte réis, conforme moeda corrente à época.

Figura 3 – Altar-mor da Igreja do Carmo na Vila de Itu e o brasão da ordem (sem data).

Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

Na década de 1770, pode-se identificar a disposição das principais construções na Vila de Itu, destacando-se a relação das igrejas (ver figura 4).

Figura 4 – Mapa estilizado da evolução urbana da vila de Itu. Itu, São Paulo, 1774.



Fonte: Walter Toscano (1981, p. 29).

Até o século XVIII, as vilas paulistas eram pequenas e sem grande incremento populacional. Por isso, não necessitavam de muitas igrejas na mesma vila – geralmente, erguia-se uma ou duas igrejas por região – e, se comparadas às capitanias mais populosas e prósperas da América Portuguesa, as igrejas paulistas eram construídas em pequena escala. Todavia, identificam-se algumas exceções, como revelam os casos de Itu, São Paulo, Santos e Sorocaba (Rosada; Bortolucci, 2014, p. 227-228).

Tratando-se da Capitania de São Paulo, é importante ressaltar que ela só pode ser compreendida a partir do estudo da Capitania de São Vicente e sua importância no século XVII. Segundo Bellotto (2015, p. 5), um dos principais elementos de distinção da Capitania de São Vicente foi a descoberta do ouro das Minas Gerais no final do século XVII, pois, a partir de então, tornou-se uma preocupação a defesa da fronteira para evitar o avanço espanhol a partir do Prata. Nesse contexto, o período do governo de Morgado de Mateus na Capitania de São Paulo, entre 1765 e 1775, tornou-se um marco para a colônia portuguesa. Após a extinção da Capitania de São Paulo, em 1748, e a subordinação da jurisdição ao governador do Rio de Janeiro por dezessete anos, Morgado de Mateus "vem com o epíteto de 'O Restaurador'. Vem ser o restaurador de São Paulo, de alguma coisa que já não existia" (Bellotto, 2015, p. 6). Por isso, dentre os principais feitos de Morgado de Mateus na Capitania de São Paulo, destaca-se o crescimento da atividade agrícola paulista visando à exportação de produtos e a povoação de regiões interioranas (como Campinas e Piracicaba, povoações fundadas a partir de sua decisiva atuação na governança). Nesse contexto, desenvolveu-se a Vila de Itu, filiada à Capitania de São Paulo.

Elementos da espiritualidade teresiana na Vila de Itu

Neste artigo, assume-se o uso do conceito de espiritualidade cristã para designar o modo característico de um viver cristão, cujo objetivo consiste em alcançar a plena configuração com Cristo através da perfeição sobrenatural. Nessa perspectiva teológica, entende-se que há modos diferentes de se viver a vida cristã segundo o estado (vida religiosa, sacerdócio, leigo) e a circunstância de cada sujeito, embora todos devam tender ao ideal supremo da plena configuração ao Cristo. Assim, "todos hão de se esforçar por ser outros Cristos, isto é, ser por graça aquilo que Cristo é por natureza: filhos de Deus." (Royo Marín, 2023, p. 32).

No esteio desse raciocínio, é possível tratar de uma espiritualidade cristã e leiga, à medida em que os leigos são "cristãos que vivem no mundo" (Royo Marín, 2023, p. 53) em busca da santidade. Nesse sentido, era comum entre os carmelitas terceiros a prática de bons hábitos e devoções próprias da Ordem para alcançar as virtudes necessárias à santificação pessoal.

Ademais, as virtudes são tão importantes no caminho espiritual proposto por Teresa que, segundo ela, "[...] não deveis assentar vossos alicerces só em rezar e contemplar. Com efeito, se não buscardes virtudes e o exercício delas, sempre ficareis anãs. E praza a Deus que não seja apenas no crescer, porque já sabeis que quem não cresce diminui [...]" (Teresa de Jesus, 1995, p. 584). Identifica-se, no referido excerto, que Teresa de Ávila emprega o termo "crescer" em sentido metafórico, designando o progresso espiritual do indivíduo mediante a aquisição e o aperfeiçoamento das virtudes. Em contraposição, aqueles que não avançam nesse itinerário interior são por ela assimilados à figura dos "anões", imagem que simboliza a estagnação da alma e a incapacidade de atingir a maturidade espiritual.

É importante compreender que, na Espanha quinhentista, a influência da literatura na construção do imaginário coletivo contribuiu diretamente nas transformações sociais desde o Medievo (Oliveira, 2017, p. 105). Por isso, em Teresa d'Ávila, identifica-se a influência da literatura desde a sua infância, pois os seus pais possuíam o hábito da leitura e os livros da biblioteca ficavam ao alcance de Teresa e seus irmãos (Piñero Valverde, 2020, p. 31). Especificamente, identifica-se nos escritos teresianos a influência da literatura medieval, profundamente inserida nas temáticas da morte e do pós-morte. Durante a Idade Média, esses temas eram recorrentemente abordados na formação dos cristãos, encontrando-se nos sermões, nos livros espirituais e, também, no imaginário popular (Le Goff, 1995).

Por isso, na Ordem do Carmo, identifica-se a propagação dos conselhos espirituais de Teresa de Jesus para incentivar o crescimento nas virtudes para uma boa-morte, visto que os Novíssimos da Fé eram recorrentemente abordados, como no trecho a seguir: "Praza a Sua Majestade conceder-nos o Seu amor antes de nos tirar desta vida, porque será de grande importância na hora da morte sabermos que seremos julgados por Aquele a quem amamos acima de todas as coisas (...). (Teresa de Jesus, 1995, p. 422)

Nesse sentido, um dos elementos distintivos da Ordem Carmelita é a crença no uso do escapulário para o auxílio nesta vida e no momento da morte. Trata-se de um objeto devocional usado pelos carmelitas desde o Medievo (ver figura 5) e que está representado simbolicamente nas iconografias, como é o caso das pinturas na Igreja do Carmo de Itu.

Figura 5 – Modelo de Escapulário carmelita para uso diurno (esquerda) e noturno (direita).

Fonte: Arquivo do Carmelo de Lisieux.

A este respeito, destaca-se que, a partir da Bula apócrifa *Sacratíssimo uti culmine*, publicada em 1322, popularmente conhecida como "Privilégio Sabatino",[6] disseminou-se a ideia de que Nossa Senhora do Monte Carmelo apareceu ao Papa e prometeu "tirar do Purgatório as almas de todos os fiéis que em vida tivessem pertencido à Ordem de Nossa Senhora do Carmo ou à Confraria do Santo Escapulário do Carmo no sábado seguinte à sua morte" (Gonçalves, 1963, p. 11-12). Por isso, com o advento das Ordens Terceiras, os leigos carmelitas passaram a utilizar o Escapulário como objeto devocional de proteção da Virgem Maria, contanto que cumprissem os "preceitos associados à busca pela salvação" (Mendonça, 2020, p. 622).

[6] Embora apócrifa, a bula foi falsamente atribuída ao Papa João XXII.

Contudo, a elaboração iconográfica de Nossa Senhora com o hábito carmelita apareceu, pela primeira vez, no século XVI. Em âmbito legislativo, essa normativa se deu em abril de 1689, no Capítulo Provincial dos Carmelitas Portugueses, celebrado no Convento do Carmo de Lisboa. Assim, a partir do século XVI, iniciou-se uma associação direta da figura da Virgem Maria com o Escapulário, complementando os atributos de sua maternidade e virgindade difundidos nos séculos anteriores. Nesse contexto, houve a propagação também entre os leigos da devoção mariana à Virgem do Escapulário e à suas promessas (Quintãos, 2018, pp. 1-4).

Na Ordem Terceira do Carmo de Itu, identifica-se que o uso do hábito carmelita nas principais celebrações litúrgicas também se propagou, rapidamente, entre os leigos. Pode-se identificar o valor do hábito de um terceiro carmelita no início do século XVIII, a partir da análise do *Inventário de Ignácio Pacheco da Costa*[7], datado de 1806. Dentre os bens arrolados, identifica-se na categoria de roupas "hum habito de Terceiro do Carmo, velho" (Costa, 1806, folha 8, verso), avaliado em 3$200 (três mil e duzentos réis). O que, comparado aos outros bens arrolados neste inventário, correspondia ao valor de uma roupa em bom estado e valia, em média, de duas a quinze vezes mais que o preço médio de um escravo na mesma época. (Castro, 1973, p. 56)

No que toca à iconografia da Igreja do Carmo da Vila de Itu, pode-se identificar na pintura de Jesuíno do Monte Carmelo, localizada no teto da capela-mor da Igreja do Carmo em Itu, Nossa Senhora do Carmo entregando o escapulário da Ordem aos Santos Carmelitas – Profeta Eliseu, Profeta Elias, Santa Teresa d'Ávila e Santa Maria Madalena de Pazzi – rememorando, através dessas personalidades carmelitas, a trajetória dos principais fundamentos da Ordem (ver Figura 6). A partir dos estudos sobre a Ordem do Carmo em seus dois ramos (Antiga Observância e Carmelo Descalço), observa-se que, na referida pintura, foram escolhidos santos de ambos os ramos carmelitas.

Figura 6 – Fotografia de época em preto e branco (sem data). Iconografia de Frei Jesuíno do Monte Carmelo no teto da Igreja do Carmo de Itu.

Fonte: Acervo Digital do IPHAN.

[7] Documento localizado no Fundo Arquivo Central da Comarca de Itu. Primeiro ofício de Justiça. Arquivo Histórico do Museu Republicano "Convenção de Itu", maço 16A.

Ao lado direito de Nossa Senhora do Carmo, vê-se que há a representação de Santa Teresa d'Ávila em primeiro plano, recebendo destaque em relação à figura de Santa Maria Madalena de Pazzi (1566-1607), carmelita da Antiga Observância, representada em segundo plano ao lado de Santa Teresa d'Ávila. No lado esquerdo da iconografia, há a representação de dois santos masculinos que compõem o Antigo Testamento: Profeta Elias e Profeta Eliseu. Ambos são considerados pela Ordem do Carmo como pais fundadores do carisma, cuja figura de destaque se dá ao Profeta Elias, que rezava no Monte Carmelo.

Também é necessário interpretar a iconografia do ponto de vista histórico, social e cultural. A partir das transformações históricas dos séculos XVI e XVII, principalmente a repercussão de Trento na Europa, a Ordem do Carmo ocupou um lugar de destaque na Igreja Católica com os processos de beatificação e canonização dos santos carmelitas da era Moderna, cuja tríade é composta por: Santa Teresa de Jesus, Santa Maria Madalena de Pazzi e São João da Cruz. Por isso, um elemento importante para a melhor compreensão da iconografia de Frei Jesuíno do Monte Carmelo é a contextualização histórica dessas canonizações que influenciaram na escolha de santos carmelitas para as representações iconográficas, potencializando a devoção a Nossa Senhora do Monte Carmelo e a Santa Teresa d'Ávila na América Portuguesa.

Nesse sentido, uma pesquisa bibliográfica de diversas igrejas da Ordem do Carmo fundadas na América Portuguesa, permitiu identificar que, no mesmo período de construção da Igreja do Carmo na Vila de Itu e do crescimento da recém-fundada Ordem Terceira do Carmo (século XVIII), no território das Minas Gerais foram criadas e adornadas igrejas dedicadas à Ordem do Carmo e com participação laical das Ordens Terceiras.[8]

Nos adornos da iconografia, percebe-se a representação de diversos anjos orientados para o centro, isto é, para a figura da Padroeira da Ordem e dos quatro santos que a acompanham. Ainda sobre a iconografia no teto da Igreja do Carmo de Itu, Mário Andrade apresenta que Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, antes de ser ordenado sacerdote, foi um leigo casado e pai de família, mas que rapidamente sofreu com a perda de sua família, o que proporcionou a possibilidade de entrar para a vida religiosa. A pintura no teto da Igreja do Carmo de Itu foi feita por Jesuíno ainda enquanto leigo, num contexto de sofrimento pelo falecimento do seu filho (Andrade, 2012, p. 64), o que pode ter influenciado a pintura dos anjos no céu.

Sobre as cores utilizadas na referida iconografia, Mário Andrade (2012, p. 64) descreve:

> Cabe ainda salientar o colorido deste teto de capela-mor, que é outra volúpia bastante original da pintura jesuínica. Pode-se mesmo afirmar que é uma das curiosas contribuições pessoais deste painel. Nem mais as cores profundas, os vermelhos e azuis intensos das telas, nem o colorido refinado, muito belo mas conhecido, do teto da Matriz ituana. Nem também aqueles coloridos tão brasileiros, tão regionais, vermelhos crus, azuis firmes e frios, de tanta frequência nos tetos mineiros. É uma coloração geral ensolarada, com predominância de um amarelo ardente, sem muita intensidade talvez, sem "verticalidade", mas vibrante. Uma cor especialmente voluptuosa e feliz de que não conheço outro exemplar entre nós, nem mesmo na obra jesuínica.

[8] Nessas igrejas mineiras foi possível identificar a valorização da devoção a Nossa Senhora do Carmo e a Santa Teresa d'Ávila, desde o período colonial. A título de informação, verifica-se que, no antigo Arraial do Tijuco (atual território de Diamantina), "em 1765, a capela estava praticamente construída, iniciando-se os trabalhos de ornamentação. A capela possui excelentes imagens de Santo Elias, Santa Teresa e Nossa Senhora do Carmo adquiridas da corte lisboeta" (Rezende, 2016, p. 52). Ou seja, percebe-se que havia uma forte tradição na Ordem do Carmo na América Portuguesa, com influência portuguesa, de valorização das figuras desses santos representados na iconografia de Frei Jesuíno do Monte Carmelo na Vila de Itu.

No contexto de valorização do barroco na América Portuguesa, a Vila de Itu adquiriu maior visibilidade a partir das obras artísticas de Frei Jesuíno do Monte Carmelo. Segundo Sebastián (1989, p. 239, tradução nossa):

> Uma das características da iconografia barroca cristã foi o pleno desenvolvimento que adquiriram as ordens religiosas, que até o século XV apenas havia iniciado. Fenômeno decisivo nesta mudança foi o impulso que se deu às ordens religiosas como força propulsora da nova espiritualidade contrarreformista. Característica das ordens religiosas foi a tendência em criar grandes ciclos de quadros históricos sobre um personagem ou uma ordem. Isto chegou ao seu pleno desenvolvimento no século XVII, e encontra nas Igrejas, claustros, refeitórios, bibliotecas e outras salas monacais os marcos adequados para sua exposição e leitura tanto histórica quanto retórica e mística.

Portanto, tendo compreendido o modo como a figura de Santa Teresa d'Ávila chegou na Vila de Itu e foi representada na iconografia, pode-se dizer que há sugestivos indícios do protagonismo da mística seiscentista, justificando o uso por esta pesquisa das iconografias citadas como fontes para se compreender a devoção a Santa Teresa d'Ávila na Ordem Terceira do Carmo de Itu.

Por fim, com o objetivo de identificar as formas de manifestação da espiritualidade teresiana na Vila de Itu, vale mencionar que a música sacra sempre esteve presente na vivência do carisma carmelita e dos ritos, como demonstram os estudos acerca da Procissão do Triunfo Eucarístico, onde se verifica a valorização da música sacra. Segundo Andrade (2012, p. 60), "a primeira procissão do Triunfo, que em Itu se faz no Domingo de Ramos, teve lugar no ano de mil setecentos e oitenta e cinco, quatro anos depois de cá estarem as imagens". (Andrade, 2012, p. 60)

Também aqui se revela a importância de Frei Jesuíno do Monte Carmelo, que era músico e compunha para as celebrações litúrgicas na vila ituana. Particularmente, alguns hinos centenários foram por ele adaptados para a realidade da Vila, em especial para o contexto das práticas devocionais carmelitas. Destacam-se aqui dois hinos sacros por ele compostos: *Paixão de Domingo de Ramos* (Monte Carmelo, s.d) e *Procissão de Palmas* (Monte Carmelo, s.d)[9].

Além dessas composições para o Domingo de Ramos, Jesuíno do Monte Carmelo compôs hinos marianos e eucarísticos, temáticas devocionais importantes para a Ordem do Carmo. O hino mariano carmelita mais conhecido é o *Flos Carmeli,* dedicado a Nossa Senhora do Carmo. Esse hino também era cantado nas igrejas da América Portuguesa e, particularmente, na Igreja do Carmo da Vila de Itu. Além disso, cantava-se a antífona de Nossa Senhora e a Ladainha a Nossa Senhora. Frei Jesuíno do Monte Carmelo fez sua própria versão da *Litaniae Beatae Mariae Virginis* para ser tocada nas missas. Alguns trechos desse hino mariano foram compostos na Idade Média, no contexto de propagação da devoção a Nossa Senhora de Loreto; no contexto de Teresa de Jesus, em 1587, o Papa Sisto V aprovou a oração *Litaniæ lauretanæ* (Ladainha Lauretana). Segundo Costa (2008, p. 124), a Ladainha caracteriza-se como uma "Oração ou prece litúrgica usada em rituais religiosos diversos, onde os fiéis, organizados ou não em procissão, entoam uma série de invocações a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem e/ou aos santos, louvando-os ou solicitando-lhes graças e ajudas".

Nesse sentido, a versão barroca de Frei Jesuíno do Monte Carmelo se destacou na América Portuguesa, pois o seu trabalho na música sacra paulista tinha poucos concorrentes à altura. Ao se analisar a Procissão do Triunfo na Venerável Ordem Terceira do Carmo na Vila de Itu[10], pode-se afirmar que as festividades religiosas foram profundamente moldadas pela estética barroca. A decoração exuberante das igrejas, a elaboração de altares profusamente adornados (muitas vezes, com materiais preciosos, como ouro e prata) e a adoção de vestimentas suntuosas por parte dos clérigos e fiéis exemplificam essa afirmativa.

---

[9] Acesso à partitura da Procissão de Palmas:

https://musicabrasilis.org.br/sites/default/files/jmc_procissao_de_palmas_score.pdf

[10] Acesso à gravação recente da Ladainha de Nossa Senhora: https://www.youtube.com/watch?v=LPQ_OBSVMNQ

As procissões, os autos e as celebrações litúrgicas transformaram-se em momentos em que a religiosidade se entrelaçava com a exibição de riqueza. Por isso, a problemática do excesso de luxo e adornos no Barroco brasileiro levanta reflexões sobre as implicações sociais e espirituais dessa estética nas festividades religiosas. Essas problemáticas nos levam a compreender que a busca por um ideal de beleza e a ostentação de riqueza, embora tenham contribuído para a grandiosidade das celebrações, suscitaram e suscitam questionamentos acerca dos paradoxos entre fé e devoção, entre espiritualidade e materialidade, entre simplicidade do culto e exuberância das festividades etc.

Essas questões seguem desafiando as próximas gerações de pesquisadores na compreensão do papel do luxo na expressão religiosa artística e em sua vivência de práticas espirituais no Brasil Colonial.

Considerações finais

A presença dos carmelitas terceiros na Vila de Itu do século XVIII foi envolvida por questões próprias da América Portuguesa, desenvolvendo-se com influências variadas e igualmente importantes, tais como: a herança teológica predominantemente ibérica; a religiosidade popular; as práticas devocionais; o Barroco e seus desdobramentos na arquitetura, na iconografia, na liturgia, na música, nas festas, nas procissões etc.

Fundada por leigos devotos ao culto da Virgem do Carmo e de Santa Teresa de Jesus, a Ordem Terceira do Carmo consolidou-se como um dos principais marcos da religiosidade popular na região, atuando na Vila de Itu como reflexo das dinâmicas da Igreja Católica e, mais que isso, das interações e divergências entre o clero regular, os religiosos e os leigos, o que conferiu à Ordem um papel relevante na configuração das influências sociais e das práticas religiosas da época.

A construção da Igreja do Carmo na Vila de Itu não apenas simbolizou a devoção dos membros da Ordem Terceira aos santos do carisma, como consolidou o poder simbólico da Ordem dentro do contexto urbano que se desenvolvia. Nesse sentido, a Igreja do Carmo se tornou um centro de agregação de fiéis e, também, um local de prestígio social, onde leigos (sobretudo a elite local) poderiam exercer seu poder por meio de doações e apoio a projetos de grande envergadura. Dentre as figuras mais importantes da referida Ordem, destaca-se o papel de Frei Jesuíno do Monte Carmelo na Vila de Itu e na América Portuguesa, como artista e sacerdote carmelita.

Portanto, diante do contexto apresentado, conclui-se que a presença de uma espiritualidade elaborada na Espanha quinhentista, propagada na Península Ibérica e disseminada na América Portuguesa como um dos principais pilares da Ordem do Carmo, contribui para a tomada de consciência sobre o potencial das ordens religiosas na história. Nesse sentido, compreender as reconfigurações da espiritualidade teresiana na América Portuguesa é, antes de tudo, compreender o potencial da religião e de suas manifestações em locais e épocas distintos, dimensionando sua importância e influência em diferentes contextos.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Itinerário documental do Morgado de Mateus e o Projeto Resgate. *Revista do Arquivo*, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/01/artigo_07.php. Acesso em: 06 abr. 2026.

BORGES, Célia. Os Eremitas e o Ideal de Santidade no imaginário português: o Deserto dos Carmelitas Descalços no séc. XVII. *Lusitania Sacra*, n. 23, p. 189-206, 1 jan. 2011.

BORGES, Célia. Santa Teresa e a Espiritualidade Mística: a circulação de um ideário religioso no mundo atlântico. In: *Actas do Congresso Internacional O Espaço Atlântico de Antigo Regime*: poderes e sociedade. Lisboa: FCSH/UNL, 2005, pp. 1-10

BRITO, Jorge Germano. Santa Teresa de Jesus: experiência orante de uma vida determinada. 2014, 141 f. Dissertação. Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2014.

CAMPOS, Adalgisa. A ordem Carmelita. *Per Musi*, n. 24, p. 54–61, jul. 2011.

CASTRO, Helio. Viabilidade econômica da escravidão no Brasil: 1880-1888. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, 27 (1), pp. 43-67, jan.-mar. 1973.

DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja da Renascença e da Reforma II*. São Paulo: Quadrante, 1999.

DILLMANN, Mauro. Religiosidade popular católica no Brasil durante a vigência do Padroado. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 138, pp. 103-112, novembro de 2012.

GOMES, Daniela. As Ordens Terceiras em Minas Gerais: suas interações e solidariedades no período Ultramontano (1844-1875). *RBHR* – Anpuh. Maringá (PR) v. 1, n. 3, pp. 1-10, 2009.

GONÇALVES, Flávio. O Privilégio Sabatino na arte alentejana. Separata de *A cidade de Évora*. Évora, n. 45 e 46 (1963).

GUTIÉRREZ, Antonio Cea. Modelos para una santa. El necesario icono en la vida de Teresa de Ávila. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, n. 1, v. LXI, pp. 7-42 jan.-jun. 2006.

HONOR, André. Universo Cultural Carmelita no além-mar: formação e atuação dos carmelitas reformados nas capitanias do norte do Estado do Brasil (sécs. XVI a XVIII). 2013. 333 f. Tese, Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

JEDIN, Hubert. *Manual de Historia de la Iglesia V.* Reforma, Reforma Católica Y Contrarreforma. Barcelona: Editorial Herder, 1972.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LEITE, Leonardo; MORAES, Gerson. As contribuições da Filosofia Mística de Santa Teresa de Ávila para espiritualidade prática. *Estudos de Religião*, v. 35, n. 1, 63-87, jan. - abr, 2021.

LIMA, Maria Graciele de. *Uma inquieta escritura: Estudo e tradução de Exclamaciones e Vejamen de Teresa d'Ávila.* 2018. 203 f. Tese. Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2018.

MENDONÇA, Nívea Maria. As devoções carmelitas na perspectiva global: a influência das práticas devocionais dos séculos XVI-XVIII na cristandade ocidental. *Temporalidades* – Revista de História, ed. 32, v. 12, n. 1, 2020.

MOLINA, Santa Rita. Na dança dos altares: a Ordem do Carmo e a Irmandade da Boa Morte entre o poder e a sobrevivência no Rio de Janeiro dos primeiros tempos do império (1814-1826). *Revista de História*, São Paulo, n. 147, pp. 109-134, 2002.

NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Ytu:* histórico da sua fundação e dos seus principais monumentos. Vol. I. Itu: Ottoni Editora, 2000.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Devoção e Caridade*: irmandades no Rio de Janeiro imperial (1840-1889). 1995. 305 f. Dissertação. Departamento de História, UFF, Niterói, 1995.

OLIVEIRA, Katia Aparecida. Entre cavaleiros e pícaros: literatura e sociedade espanhola da Idade Média ao Renascimento. *Revista Signum*, vol. 18, n. 1, pp. 104-122, 2017.

ORAZEM, Roberta. A representação de Santa Teresa d'Ávila nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/Bahia e São Cristóvão/Sergipe. 2009. 308 f. Dissertação. Mestrado em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PIÑERO VALVERDE, Maria de la Concepción. Aproximação à Obra Literária de Teresa de Jesus*. International Studies Coepta* (International Studies on Law & Education),pp. 34-45, jan-ago 2020 Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / Colégio Luterano São Paulo.

PRATES, Admilson Eustáquio. Imaginação material e mística: traços dos quatro elementos naturais presentes na obra Castelo Interior de Santa Teresa d'Ávila*.* 2016. 184 f. Tese, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

QUINTÃOS, Manuel. Da "Senhora do Monte Carmelo" à "Senhora do Escapulário": origem e evolução da invocação Nossa Senhora do Carmo. *Família Carmelita*, Braga, n. 80, p. 19–21; n. 81, p. 17–20, 2018.

RODOLFO E SILVA, D. Duarte. *Relatório apresentado ao Exmo. E Rvmo. Arcebispo Metropolitano, D. Duarte Rodolfo e Silva, por ocasião de sua visita pastoral a esta parochia de Ytu em 1910.* Pasta ITU-SP (IV), INT-03-03-07. 1910.

RÉVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala:* a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

REZENDE, Leandro. *O Monte Carmelo nas montanhas de Minas: Artes, Iconografia e devoção nas Ordens Terceiras do Carmo de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX).* 2016. 287 f. Dissertação. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

RODRIGUEZ, Simão. *Representação dos irmãos Carmelitas de Ytu no mesmo sentido.* Biblioteca Digital UNESP, Volume 18 - Avisos e cartas régias (1714- 29). 22 mai. 1720. Acesso em: https://bibdig.biblioteca.unesp.br/collections/693e3f14-11f3-4ad2-9f56-2227a4507c0a/search

RODRIGUEZ, Fr. O. *The Third Order of the Teresian Carmel, its origin and history.* Roma: Teresianum, 1980.

ROSADA, Mateus; BORTOLUCCI, Maria Ângela P.C.S. Afinal, existe um barroco paulista*?* Arquiteturas do mar, da terra e do ar. In: *Arquitetura e Memória,* Vol. I. Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2014. pp. 227-235.

ROYO MARÍN, Antonio. *A espiritualidade dos leigos*. São Paulo: Ecclesiae, 2023.

SÃO PAULO. *Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado Secretaria de Estado da Cultura.* Processo n° 22058/82. Tombamento em "ex-officio" – Igreja do Carmo – Itu. N° inscr. 53, p. 3, 24/6/1971. 23 abr. 1982. Acesso em: https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2018/02/COND_022058_1982.pdf?utm_source=chatgpt.com

TERESA DE JESUS. *Obras Completas*. São Paulo: Edições Carmelitanas; Edições Loyola, 1995.

TOSCANO, João Walter. *Itu/centro historico: estudos para preservação*. 1981. pp. 4-174. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1981.

VIEIRA, Dilermando. *História do catolicismo no Brasil (1500-1889).* Vol I. Aparecida: Editora Santuário, 2016.

XAVIER, João Paulo. *Relação das confrarias e irmandades*. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Pasta ITU-SP (III), INT-03-03-06. 31 jan. 1873.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 26.03.2025 / 03.26.2025

Aprovado/Approved: 18.05.2026 / 05.18.2026